

# OS ENFOQUES E OS OLHARES DO GEÓGRAFO: Uma abordagem metodológica sobre método, metodologia e técnicas de pesquisa

*Joyce de Almeida Borges  
Professora do Curso de Geografia- UEG/Itapuranga.  
Joycealbo@yahoo.com.br*

## **Resumo**

Este artigo tem como objetivo didático refletir sobre questões metodológicas referentes à realização de pesquisa na Área da Geografia. Deste modo, a discussão procura diferenciar o Método de Interpretação do Método de Pesquisa, busca problematizar como as metodologias às vezes são construídas de forma apressada nas pesquisas atuais, o que reflete em resultados contraditórios e pouco satisfatórios sob o ponto de vista da coerência e das abordagens metodológicas. No mais o artigo, traz algumas características relacionadas às principais abordagens da Geografia com relação ao Método de Pesquisa, mostra várias técnicas ou procedimentos metodológicos que são apropriados atualmente no campo da Geografia no sentido de fortalecermos as pesquisas desenvolvidas principalmente na Graduação com as produções científicas de Monografias e artigos de um modo geral. A Metodologia utilizada foi a revisão teórica e bibliográfica, pesquisa em manuais e livros de metodologia científica, análises e debates realizados em sala de aula, e a construção de quadros com os métodos. Os resultados alcançados mostram que o rigor teórico e metodológico realmente são as melhores armas de um pesquisador. A base teórica e técnica deve ser integrada, ou pelo menos “entrosada”. E o pensamento teórico faz a leitura dos fenômenos e não o método por si só.

**Palavras chave:** Método. Metodologia. Geografia.

## **Resumén**

Este artículo tiene como objetivo didáctico reflejar sobre cuestiones metodológicas referentes la realización de la pesquisa en la Área de la Geografía. Deste modo, la discusión procura diferenciar lo Método de Interpretación de lo Método de Pesquisa, busca problematizar como las metodologías las veces son construidas de forma apresada en las pesquisas actuáis, o que reflete en resultados contradictorios e poco satisfactorios sobre lo punto de vista da coherencia e de las abordajes metodológicas. No maíz lo artículo, tras algunas características relacionadas à las principia-les abordajes de la Geografía con relajó a lo Método de Pesquisa, muestra varias técnicas o procedimientos metodológicos que son apropiados actualmente en lo campo de la Geografía no sentido de fortalecermos las pesquisas desenvolvías principalmente en la Graduación con las producciones científicas de las Monografías e artículos de un modo yeral. La Metodologia utilizada foi la revisional teórica e bibliográfica, pesquisa em manuais e livros de metodologia científica, análises e debates realizados em sala de aula, e la construcción de quadros con los métodos. Los resultados obtenidos muestran que lo rigor teórico e metodológico realmente son las mejores armas de un pesquisador. La base teórica e técnica deve ser integrada, ou pero menos “entrosada”. E lo pensamento teórico faz a leitura de los fenômenos e no lio método por si só.

**Palabras clave:** Método. Metodologia. Geografia.

Recebido em 02/04/2014 / Aprovado para publicação em 29/04/2016.

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.7, n.19, p. 02-21, jun. 2016.2

### **Considerações iniciais**

Santos (1996) sugere três possibilidades para a ciência, nas quais podem conduzir as pesquisas geográficas do século XXI. A primeira, que o saber possa permitir um conhecimento ampliado, capaz de reconhecer os verdadeiros interesses humanos, ou seja, aquilo que realmente a humanidade necessita. A segunda sugere que as ciências sociais sejam imprescindíveis de uma nova história, pautada na reflexão filosófica para a construção concreta de fenômenos e ações. E a terceira sugestão é a de que a ciência desprenda de conceitos antigos, e possa mudar completamente inovando métodos, teorias, categorias de análises, e até palavras chaves. Santos nos faz pensar sobre o papel da ciência na humanidade, sua função social e seus pressupostos teóricos.

Neste artigo, temos por intuito refletir sobre a ciência, teoria e sobre a metodologia. A teoria é um conjunto de conceitos que visam compreender a realidade. A metodologia é o “caminho” a ser percorrido na pesquisa. Nesta etapa, também conhecida como procedimentos metodológicos, o pesquisador, após ter identificado e caracterizado o problema, elaborado os objetivos e definido o referencial teórico, delinea os procedimentos (métodos) e as técnicas (materiais) a serem utilizados na pesquisa. Os métodos orientam a ciência e é também um suporte para a compreensão e construção do conhecimento.

As pesquisas acadêmicas necessitam da metodologia bem esmiuçada a fim de obter resultados mais direcionados a partir das abordagens escolhidas. A importância de conhecer os métodos não deve caminhar no sentido de produzir análises fechadas e reducionistas, mas sim de conhecê-los, explorá-los para que na possibilidade de utilização possa ser apropriado sem tantas dificuldades e contradições. Assim, entendemos que não precisamos dizer a que corrente metodológica optamos, pois o nosso referencial teórico já demonstra.

Deste modo, a partir de reflexões e estudos durante a prática docente nas disciplinas de Metodologia Científica I e II do curso de Geografia da UEG-Minaçu e Itapuranga elaboramos esse artigo com objetivos didáticos, tendo em vista as dificuldades dos estudantes em lidar com os diferentes métodos científicos e as categorias geográficas que conduzem as pesquisas em Geografia. É óbvio que não temos a pretensão de sanar todas as dúvidas, até mesmo porque elas são necessárias para a construção e reconstrução do pensamento científico e do olhar geográfico sobre as pesquisas.

Assim, este artigo se divide em três partes. A primeira observa o olhar do geógrafo e seu posicionamento teórico, técnico e filosófico sobre o mundo. A segunda trata do método,

das categorias e da Metodologia em Geografia. E a última traz reflexões acerca das técnicas de pesquisa.

## 1. Por traz das cortinas, o olhar do geógrafo

*A ciência seria desnecessária se toda essência coincidissem com a sua aparência.*

(MARX)

Iniciamos este item com uma reflexão de Marx, em o Capital. A perspectiva metodológica marxista na Geografia nos auxilia a compreender o mundo a partir de conceitos importantes como subdesenvolvimento, contradições sociais, desigualdades regionais, conflito entre classes, etc. Esta perspectiva de pensamento contribui para que nós geógrafos desvendemos a realidade, ou retiremos as máscaras e que nos impedem de ver as essências, além das aparências montadas no sistema capitalista, como também explica Moreira (2007).

Já Claval (2010), uma das referências da Geografia Cultural Francesa, país berço da Geografia Humanista, nos ensina que o geógrafo tem a capacidade de perceber e desvendar fenômenos por meio das paisagens, mapas, estruturas e representações. Para ele precisamos estar atentos às mudanças sociais políticas e econômicas, pois estes elementos variam a cada lugar assim como também o nível técnico, as religiões e as ideologias.

Além disso, o professor Claval (2010) afirma que existe uma aptidão para ser Geógrafo e que principalmente pode haver geógrafos sem o olhar geográfico. O geógrafo apreende diretamente a realidade. E este olhar geográfico é treinado e se modifica historicamente. Antes os geógrafos possuíam uma olhar mais geral, hoje ele se fragmenta, o que o mesmo autor vê como um problema para as pesquisas geográficas principalmente, as culturais. Entretanto, ao mesmo tempo aprofunda-se em determinadas áreas. Para o mesmo autor o geógrafo deve analisar a razão da forma da estrutura e não só como acúmulo de detalhes. Os geógrafos do século XIX e início do século XX, não estavam preocupados em discutir os conflitos da diversidade cultural apenas descrevia os tipos de colheitas, as formas das casas etc. Por muito tempo para os geógrafos medir e descrever paisagens era mais vantajoso do que entendê-las. E hoje, ainda há geógrafos que se preocupam apenas em descrevê-las?

Não há mal algum em apenas ora descrever as paisagens, ou ora em apenas tentar entendê-las. Desde que esta descrição seja coerente, real e bem feita. E desde que este

entendimento possua uma base teórica sólida. No entanto, para isso é necessário assumir uma perspectiva metodológica. Sair de “cima do muro”. Quem quer discutir questões ambientais e físicas? Ótimo. Então, que o pesquisador navegue firmemente nas correntes teóricas e metodológicas dos estudos desta área. Quer estudar “as geografias malditas”? As questões de gênero e sobre a sexualidade? Certo. Desde que eu assumo e domine com propriedade as categorias chaves, os debates epistemológicos e as técnicas de pesquisas. É preciso reconhecer os elementos teóricos e empíricos no qual estamos dispostos a nos debruçar. O que se discute, na área e pesquisa escolhida (a teoria), como se discute (metodologia), quem discute (referencial teórico). Deste modo, vamos debater sobre os métodos e a pesquisa em Geografia.

## **2.Os Métodos de interpretação e de pesquisa: entre o posicionamento filosófico e as fronteiras metodológicas**

*Aonde você quer ir?*

*(O gato esperto diz a menina em Alice no país das Maravilhas)*

A palavra método é derivada do grego *meta* (por, através de) e *hodos* (caminho). Para Santos (1996, p. 62-63) “a questão do método é fundamental por que se trata da construção de um sistema intelectual que permita, analiticamente, abordar uma realidade, a partir de um ponto de vista” no sentido de que “a realidade social é intelectualmente construída”. Podemos afirmar então que o método é sinônimo de teoria ou uma forma de analisar uma dada realidade.

Já para Severino (1992, p. 121) o método é: “o conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem ao cientista descobrir as relações causais constantes que existem entre os fenômenos”. Ou seja, por meio dos procedimentos adequados temos mais chances de obter resultados mais precisos e estabelecer melhor as relações entre causas, consequências e problemáticas na qual os objetos estão inseridos.

Entretanto, o método bifurca-se entre o Método de Interpretação e o Método de Pesquisa. O método de interpretação trata-se da concepção de mundo do pesquisador. É a sua visão da realidade, da ciência. Ele é uma sistematização das formas teóricas de conceber a realidade. O método de interpretação necessita de clareza, de lógica e de racionalidade. Na geografia a análise interpretativa utiliza-se da crítica às questões econômicas, sociais, ambientais e culturais. Pode ser uma aplicação filosófica ao trabalho da ciência. (MORAES; COSTA, 1984)

Já o método de pesquisa refere-se ao conjunto de técnicas utilizadas em determinado estudo. O método de pesquisa leva a construção do conhecimento teórico. Diz respeito aos problemas operacionais, recursos técnicos de que dispõe. Determinadas posturas interpretativas impõe o uso exclusivo de certas técnicas, no entanto estudos orientados por diferentes métodos de interpretação podem fazer uso das mesmas metodologias de pesquisa. (MORAES; COSTA, 1984)

A junção do Método de Interpretação e do Método de Pesquisa forma a Metodologia. Os métodos sejam eles de interpretação ou de pesquisa, relacionados às teorias em estudo, são utilizados para a leitura de nossos objetos e nos proporcionam noções para nossas análises, e buscam responder questões como: Por que aqui ou isto é assim? Como esses sujeitos relacionam com determinado fenômeno? A partir de que elementos tais estruturas se estabelecem? E por que elas se alteraram? O método apresentado e entrelaçado aos procedimentos metodológicos deve proporcionar instrumentos principalmente capazes de atingir os objetivos iniciais traçados na pesquisa.

Neste sentido, Spósito (2004, p. 29) destaca entre os principais métodos, o hipotético-dedutivo, o dialético e o fenomenológico. O método hipotético-dedutivo é aquele calcado nas ideias de René Descartes (1596-1650) baseado no rigor matemático e na razão. Descartes foi importante para a ciência, o filósofo francês combateu os dogmas religiosos garantindo maior credibilidade ao pensamento científico por meio da razão lógica. Descartes nos dizia, que é preciso “ser firme no método”. Contudo, na Alemanha, August Comte (1789-1857) fez uma síntese do pensamento de Descartes e a denominou de Positivismo. Além de Comte houve outros representantes do Positivismo, como o prussiano Kant (1724-1804) na Filosofia. A importância do Positivismo para as ciências é que ele iniciou a ideia de investigação e sistematização da ciência. (DESCARTES, 2013)

À medida que foram se abandonando as explicações teológicas e metafísicas, diversos ramos da ciência não se limitam mais as causas, mas às leis objetivas dos fenômenos. Assim, surge o Positivismo, um método racionalista/lógico baseado na indução, descrição, dedução, empirismo, domínio da natureza, matemática, observação. Nesta abordagem metodológica o objeto se separa do sujeito, tendo o primeiro mais voz, o real é descrito por meio de hipóteses e deduções. No pensamento positivista o objeto prevalece sobre o sujeito, influencia o pesquisador. (SPÓSITO, 2004)

Já no que se refere a outras correntes metodológicas, temos o método da Dialética. Spósito (2004) denota que este método mostra as contradições no objeto. Na dialética o sujeito se constrói. O autor nos alerta sobre os radicalismos que alguns pesquisadores deste método costumam utilizar a ponto de tê-lo como camisa de força bem como com a negação de elementos de outros métodos em suas pesquisas. Retomemos um pouco da origem da Dialética no campo da Filosofia. Segundo Gadotti (1997) Lao Tsé é considerado o pai da dialética, ela surgiu há sete séculos A. C, ou seja, ela surge entre os filósofos pré-socráticos. Uma das categorias centrais da dialética proposta por Lao Tsé seria a ‘contradição’, seguida pela ‘luta dos opostos’, proposta por Heráclito de Efeso. Na Grécia Antiga a palavra “dialética” (diálogo) expressava um modo de argumentar, analisar superando outra ideia, que viria a ser a síntese. Sócrates foi considerado o maior representante da dialética. Embora Aristóteles contestasse o fato da dialética não ser exatamente um método, sendo para ele apenas uma ferramenta auxiliar da filosofia. Entretanto, durante a Idade Média a dialética foi considerada um método conforme explica Gadotti (1997, p. 17):

No terceiro século depois de Cristo, com o ressurgimento do platonismo, ressurgiu também o debate em torno da dialética. Plotino a considerava uma parte da filosofia e não apenas um método. Mas o sentido da dialética enquanto método predominou na Idade Média, constituindo-se, ao lado da retórica e da gramática, como uma “arte liberal”, a maneira de discernir o verdadeiro do falso.

Posteriormente, no início da Idade Moderna a dialética foi considerada como inútil. Somente no século XVIII, o uso da dialética, aparece com mais objetividade e força. O método dialético é retomado por Hegel (1770-1831), como tema central da Filosofia. Para Hegel a contradição é o carro chefe do pensamento e da história, não é estático e os processos são superados, nada é definitivo, não existe fim, como explica Gadotti (1997, p. 19):

O pensamento não é mais estático, mas procede por contradições superadas, da tese (afirmação) á antítese (negação) daí a síntese (conciliação). Uma proposição (tese) não existe sem oposição a outra proposição (antítese). A primeira proposição será modificada nesse processo de oposição e surgirá uma nova. A antítese está contida na própria tese que é por isso contraditória. A conciliação existente se transforma numa nova tese.

No século XIX a dialética apresenta a forma materialista ou o que denominamos por Materialismo Histórico de Marx (1818-1883) e Engels (1820-1884), porém ela substitui o idealismo de Hegel, ganha status filosófico e científico. Para Marx, não há uma negação total

da subjetividade, o pesquisador não é desprovido de sentimentos e consciência. Apenas os juízos e raciocínios são reflexos da realidade produzindo imagens e interpretações objetivas e subjetivas. A consciência também é reflexo da realidade objetiva. Nesta concepção, procura-se a interpretação contínua do processo. Observa a relação da luta dos contrários. Por exemplo, o capitalista busca a acumulação crescente do capital por meio da exploração da mais valia e o trabalhador busca a melhoria salarial. O fato observado exige aprofundamento maior na aparência e menos na essência, bem como a observação das contradições, do Historicismo e da relação ser humano-natureza, ser humano-mundo ou ser humano-capital. (GOMES, 1991)

Entre os princípios da dialética, temos a negação da criação de leis, pois cada objeto possui características próprias, nada pode ser totalmente ou igualmente analisado pelas categorias que se pressupõe. Porém, não é bom cairmos no relativismo. O autor Gomes (1991) nos orienta quanto à identificação e análise das principais categorias do Materialismo histórico e Dialético que podem nortear nossas pesquisas. Elas estão correlacionadas. O mesmo autor considera a contradição, a categoria principal da dialética, além das que se seguem.

a) *Geral e particular*: O geral- o que há de comum em um objeto (Árvore) que possibilite identificar na categoria “árvore”. O que a árvore tem de específico (único) é o particular.

b) *Causa e efeito*: A razão de determinado fenômeno possuir tal forma.

c) *Possibilidade e realidade*: possibilidade-estado a ser alcançado diante de uma condição objetiva. A realidade é a possibilidade concretizada.

d) *Essência e fenômeno*: “A essência de um objeto significa compreender a causa de seu aparecimento, as leis da sua vida, as contradições internas que lhe são específicas, as tendências do desenvolvimento e as suas propriedades determinantes”. A aparência se perde bem mais facilmente do que a essência: Qual a essência do capitalismo? Os meios de produção e as categorias econômicas, capital e trabalho.

e) *Conteúdo e forma*: a forma define o conteúdo. A forma se transforma seguida do conteúdo. O conteúdo é mais dinâmico.

Tanto as categorias quanto as Leis da Dialética nos auxiliam realizar uma leitura mais completa acerca do objeto. No que se refere aos princípios ou Leis da Dialética podemos considerar segundo Gadotti (1997, p. 24-27):

- 1° “tudo se relaciona” (reciprocidade, totalidade, interação, não se deve isolar um fenômeno, verificar a história, ir além da metafísica ou da descrição);
- 2° “tudo se transforma” (movimento, natureza inacabada, repetição dos conflitos, negação da negação: a vida produz a morte, do velho nasce o novo a maçã verde se torna madura, etc.);
- 3° “mudança qualitativa” (passagem da quantidade para a qualidade, quando se muda a natureza. Exemplo: água transforma-se no fenômeno ebulição, evaporação ou gelo);
- 4° “unidade e luta dos contrários” (forças opostas, contradição. Aquilo que aparentemente pode não ter nada haver, pode ter relação. Exemplo: sábio e ignorante, para ser sábio é preciso ser ignorante primeiro).

Contudo, passamos a refletir sobre a Fenomenologia. A Fenomenologia pode ser pensada como uma abordagem metodológica, ou forma de pensar e lidar com os sujeitos da pesquisa. A perspectiva fenomenológica tem por intuito como afirma Lencioni (1999 *apud* SPÓSITO 2004, p. 37): romper “a oposição entre sujeito e objeto, tanto quanto entre ator e observador” e firmando-se “uma visão antropocêntrica do mundo e uma recuperação do humanismo (...)”. Ou seja, é uma postura metodológica típica das pesquisas qualitativas na qual o que realmente importa é o ser humano como agente. Seria uma visão de mundo.

A palavra Fenomenologia foi usada pela primeira vez pelo matemático, astrônomo, físico e filósofo suíço-alemão Johann Heinrich Lambert (1728-1777) e posteriormente com Hegel com sentido diferente em “Fenomenologia do Espírito”. A etimologia da palavra refere-se *phainomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo), *logos* (ciência ou estudo). Entre os principais autores precursores da Fenomenologia estão: Husserl (1859-1938), Heidegger (1889-1976), Mearly Ponty (1908-1961), Sartre (1905-1980). Esta corrente utiliza da subjetividade, do empirismo, da percepção, do imaginário, valorização da experiência vivida. A Fenomenologia possui intimidade com a Psicologia. (MOREIRA, 2002)

Podemos afirmar que há uma dificuldade em mapear os pensamentos fenomenológicos, pois os processos espontâneos são constantes, e interpretá-los com unidades formadas pode ser perigoso. As ideias dos fenomenólogos também passam por modificações ao longo de suas trajetórias, assim, os pesquisadores possuem dificuldades em obter interpretações consistentes fenomenológicas, devido aos desencontros de interpretações. Assim, para não produzirmos algo superficial devemos nos ater as bases filosóficas.

O fenômeno seria segundo Moreira (2002, p. 64) “tudo que é percebido pelos sentidos e pela consciência”. Ele não é apenas a representação do objeto, possui natureza própria. Essa

perspectiva fenomenológica também busca o estudo da descrição, das aparências e das vivências das consciências, como explica o mesmo autor (p.65): “A apreensão, análise e descrição do fenômeno que assim se dá á nossa consciência é o objeto primário da fenomenologia”.

Sabemos que na atualidade científica, somos criticados ora por adotarmos concepções teóricas fechadas e ora por apropriação contraditória entre métodos e técnicas em nossas pesquisas. As características dos métodos citados ao longo deste item encontram-se sintetizados no quadro 01 a seguir, com base em alguns autores, como Spósito (2002), Gomes (1996), Moraes (2003), Moreira (2002):

<b>Positivismo hipotético dedutivo</b>	<b>Neopositivismo (teorético quantitativo)</b>	<b>Materialismo histórico e dialético</b>	<b>Abordagem fenomenológica</b>
August Comte	Rigor matemático e Ciência de gabinete	De Marx e Engels.	Corrente filosófica fundada por Kant/Hegel/Husserl
Verdade absoluta, Rigor matemático	Quantitativismo e valorização da verdade científica	Negação da neutralidade, uso da mediação, posicionamento político do pesquisador	Busca ir além da essência dos fenômenos
Foco central na razão e no racionalismo	Uso da análise lógica formal	Crítica ao sistema econômico e as desigualdades sociais	Valorização dos sujeitos
Indução	Neutralidade científica	Ir além da aparência e das formas	Rompe com a oposição entre sujeito e objeto
Descrição	Descrição, crítica à generalidade e uso de análises abstratas	Busca entender as causas, a estrutura, o processo, o movimento	Não vê problema no ecletismo metodológico e epistemológico
Enumeração	Valorização do uso de mapas, gráficos, tabelas e quadros	Observação das contradições e uso da dedução	Valorização do espaço vivido, do cotidiano
Observação e classificação	Estudos pautados na relação homem-meio	Valorização da relação homem-natureza	Uso das histórias orais, poesias, músicas, literatura
Valorização do empirismo	Saber a serviço do estado e da classe dominante	Categorias: possibilidade, realidade, matéria, consciência, qualidade, quantidade, causa e efeito	Leitura da subjetividade, despir-se de elementos teóricos a priori.
O objeto separa-se do sujeito	O importante está na produção de resultados	Relação entre espaço e tempo	Redução eidética: descrição significativa, preocupação não só com a essência mas com a percepção do mundo
O real é descrito	Não há	A análise marxista só faz	Uso da estética, do

por hipóteses	posicionamento político do pesquisador	sentido junto à prática	imaginário e da percepção
A ideia permite a elaboração de outra ideia	Temas geométricos	Discurso político relacionado à intervenção social	Intencionalidade ( <i>intentio</i> ): o objeto nunca é o objeto em si, é algo imaginado sobre ele
Neutralidade científica	Região como modelo espacial	Espaço visto como reproduzidor das desigualdades sociais	Suspensão ( <i>époché</i> ): deixar o fenômeno falar por si só sem produzir uma verdade apressada

**Fig. 01:** Características principais dos métodos científicos de pesquisas<sup>1</sup>.  
Organização: BORGES, Joyce de Almeida, 2013.

Podemos observar que cada um dos métodos acima apresentados possuem características diferentes, contudo, no mesmo grau de importância, uma vez que os diferentes pesquisadores atuais apropriam de vários desses elementos, mesmo sem perceber, conforme o enfoque e o objeto a ser explorado.

Ao recorrermos às características do quadro anterior podemos verificar que as quatro concepções mencionadas se diferenciam. No Positivismo e no Neopositivismo há valorização do objeto. Já com relação ao Materialismo Histórico e Dialético o sujeito se transforma se reconstrói. E na Abordagem Fenomenológica há valorização dos sujeitos. Portanto faz-se necessário uma avaliação crítica de cada método. Além dessas concepções metodológicas podemos discutir algumas questões atinentes ao uso das categorias e das técnicas de pesquisa.

### 3. Os métodos filosóficos utilizados historicamente na Geografia a partir das categorias e técnicas de pesquisa

*Se explica a flor pelo adubo.*

(BACHELARD)

A atitude epistemológica da geografia implica na capacidade de escrever sobre o que se lê, discute pensa e conclui. O geógrafo tem a intenção de perceber, desvendar fenômenos por meio das paisagens, mapas, estruturas, cidades, assentamentos etc. Para isso é necessário nos apoiarmos nos métodos e é preciso concordar com Spósito (2004, p. 23): “discutir o

<sup>1</sup> Diferenciamos algumas características das correntes metodológicas para fins didáticos. No entanto, não se tem por intuito estabelecer uma classificação reducionista ou impositiva acerca dos métodos. Isso não significa que ao tomarmos contato com essas características, não possamos aprofundar nas leituras e debates dos precursores destes métodos e de suas obras, principalmente os clássicos.

método científico historicamente na dimensão filosófica”. A busca da compreensão filosófica do método é mais que sua enumeração e especificação. Ela implica na resposta da questão, que o sábio Gato de Alice no País das Maravilhas perguntaria antes de qualquer coisa ao pesquisador: “aonde você quer ir?” Se o pesquisador não sabe qual o problema, quais as hipóteses, aonde quer chegar, qualquer caminho, método ou metodologia lhe será útil.

Para Spósito (2004, p. 23) método é: “instrumento intelectual e racional que possibilita a apreensão da realidade objetiva pelo investigador”. Na geografia junto ao método é preciso estar atento às mudanças sociais, políticas e econômicas, entendendo que estes elementos variam a cada lugar, assim, como também o nível técnico, as religiões, os saberes e as ideologias. No entanto, a Geografia não possui um método próprio ela se apropria dos métodos das outras ciências, das abordagens filosóficas para construir suas análises.

Os métodos científicos de pesquisa apresentados no item 1 são utilizados nas abordagens geográficas, e ora vão ganhando ou perdendo força a medida que as correntes filosóficas da Geografia se fortalecem ou se reconfiguram. Por exemplo, durante a Geografia Tradicional, que no Brasil perdura até meados da década de 1950, o Positivismo tinha grande representatividade, no entanto Ratzel (1844-1904) na Geografia é o nome mais relacionado à geografia positivista, considerando-a como ciência de síntese. O Positivismo para a Geografia atual ainda é importante sob o ponto de vista científico no que se refere à valorização do empírico, da observação e descrição.

Na Geografia Teorético quantitativa ou Nova Geografia, em meados de 1960, valoriza-se o espaço relativo. A geografia se torna novamente um instrumento a favor da burguesia e do Estado. Estuda-se as variações de áreas, variações das paisagens, teoria dos sistemas, grande nível de generalidade, alguns dizem que ela empobreceu a Geografia e outros afirmam que deu um caráter mais científico.

Já a Geografia Crítica, a partir de 1970, valoriza o Materialismo Histórico Dialético com Ives Lacoste (1929), Lefebvre (1901-1991) Pierre George (1909-2006) David Harvey (1935) e principalmente Milton Santos (1926-2001). O enfoque é para o espaço social, das desigualdades, discrepâncias tanto no rural quanto no urbano. (MOREIRA, 2007)

Com relação ao uso da Fenomenologia na Geografia, nota-se que os elementos mais utilizados dessa concepção são a valorização dos sujeitos, suas “falas” e representações nas pesquisas. A partir da década de 1980 a geografia humanística passa a retomar as questões culturais e o estudo do meio, como instrumento ativo na relação homem-natureza calcado em

outras correntes filosóficas como o idealismo, anarquismo, axiologia e outras ciências como antropologia, semiologia. E passa a influenciar vários geógrafos, como Paul Claval (2002), Augustin Berqué (1990), Kayser (1999), Anne Buttimer (1982), Tuan (1973), Relph (1979), Fremont (1999), Macdowell (1996), Almeida (2008), Correia (2007), Rosendhal (2002), Ratts (2007), Bonnemaïson (2002), Kozel (2009), etc. (CLAVAL, 2002)

Em 1980 a retomada da Geografia Cultural ressurgiu e se importa com os sentimentos e vozes dos sujeitos, a valorização das categorias lugar e espaço se manifesta. Os estudos se voltam para a religião, as etnias, as diferenças culturais, identitárias, as representações, as especificidades dos lugares, as histórias orais, a literatura, a culinária, o corpo etc. Claval (2010) nos explica e chama a atenção para a urgência de discutirmos mais a atualidade, as crises das revoluções, analisar a razão das estruturas e não só como acúmulo de detalhes. Por isso para Claval a Geografia hoje, e principalmente a abordagem cultural se interessa mais pelo “olhar dos outros”. As sociedades hoje tornaram-se mais complexas e exigem um olhar mais profundo. Assim, a geografia atual não esforça-se mais para impor categorias definidas pelos geógrafos, contenta-se em observar as categorias usadas pelos indivíduos ou grupos que as estudam. Por exemplo, as categorias do espaço, território, lugar, paisagem, natureza e região.

No entanto, não é obrigatória a utilização das categorias geográficas como território, natureza, espaço, lugar, região, paisagem ou categorias de análise como territorialidades, desterritorialização, fixos, fluxos, redes, local, global, etc. Cada temática vai delinear as determinadas categorias a serem utilizadas. A escolha delas deve relacionar à problemática da pesquisa, as orientações do orientador bem como com a maioria das pesquisas realizadas atualmente em Geografia. Elas nos auxiliam a entender melhor o objeto em estudo, mas elas não devem engessar o pesquisador, o apoio seria na tentativa de ampliar o olhar filosófico. Mas não podemos negar o fato das categorias darem certa identidade à ciência geográfica.

Deste modo, Santos (2001, p. 69) sugere como categorias primárias do método geográfico a estrutura, função, processo e forma. Segundo ele essas categorias devem ser pensadas juntas, relacionadas a outras categorias em estudo, elas auxiliam na leitura do espaço e podem ser explicadas da seguinte forma:

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante de tempo. Função, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa.

Estrutura implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. Processo pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança.

O uso das categorias geográficas explicadas acima coincide em parte com as categorias da dialética. Necessitam de serem analisadas de forma conjunta sob o objeto. E ainda, elas diferem nas pesquisas de acordo como cada corrente de pensamento vai se reconfigurando. Por exemplo, durante a Geografia Tradicional, no século XIX a ênfase era para a região, a paisagem e o estudo dos lugares, mas lugar como um ponto qualquer da superfície terrestre. A relação homem-natureza bem valorizada e a descrição também. (MORAES, 2003)

A partir de 1970 durante a Geografia Crítica o enfoque é para o espaço principalmente no viés social. A paisagem se transforma em espaço. Mergulha-se nas estruturas da sociedade, analisa-se as relações e produção, a economia, a exclusão, relações de trabalho. E as categorias da dialética ganham força nos estudos de Santos e outros geógrafos. (CASTRO, 2001)

É importante ressaltarmos que as monografias e projetos de pesquisa devem conter recorte temporal e espacial bem delimitado, bem como a localização e caracterização da área pesquisada. E a escolha da categoria geográfica utilizada deve vir acompanhada de técnicas de pesquisa adequada à aplicação teórica. Pode se utilizar de técnicas de pesquisa iguais e categorias diferentes para se lê os objetos, nos ateremos a elas a partir de então.

Os procedimentos metodológicos, os nossos objetos em estudos, a forma como lidamos com esses objetos, bem como cada um dos passos executados e dos instrumentos utilizados dão identidade a pesquisa em Geografia. Precisamos de novas ideias e novas metodologias, como nos alerta Moreira (2007, p. 121): “O velho modo de olhar preso na apreensão fixa das localizações, as velhas técnicas de descrição e a velha linguagem cartesiana dos mapas perderam seu charme”. É bom que usemos múltiplos instrumentos.

Para George (1978), não podemos de fato é descuidar de agir como geógrafos, para ele a observação deve ser o primeiro procedimento metodológico geográfico. Posteriormente a utilização e confecção de mapas, imagens de satélites, gráficos, tabelas, sempre nos atentando para que esses instrumentos não nos leve a uma análise retorcida da realidade. Por que sabemos que uma imagem, por exemplo, é uma representação da realidade.

No entanto, podemos nos perguntar: mas outras ciências também não se apresentam dados, mapas e tabelas? Porém, existe uma representação social na qual o geógrafo é aquele que sabe lidar com tais ferramentas, talvez por isso George (1978) defenda o uso do mapa, este que concede um valor geográfico a nossas pesquisas. O que nos garante a geograficidade não seria nem o uso por si só do mapa, e sim a forma de aplicá-lo a nossas pesquisas em uma leitura conjunta do espaço, das paisagens, das imagens e do objeto. O papel do geógrafo seria ler e explicar o mundo? Um papel um tanto quanto complexo.

Contudo, para nós geógrafos o trabalho de campo é ferramenta primordial. É nele que experienciamos o visível (imagem direta) e o invisível (imagem derivada), lembrando também que um pode ser fruto do outro. O conceito e importância do trabalho de campo pode ser complementada a partir das análises de Souza (2012, p. 238):

Compreendido como uma atividade didático-pedagógica investigativa e exploratória que ocorre fora do ambiente escolar ou acadêmico, o trabalho de campo é uma forma de operacionalização do ensino indispensável para a Geografia. A Geografia é o campo do conhecimento que busca a compreensão do espaço produzido pela sociedade, suas desigualdades, contradições, relações de produção e formas de apropriação que essa sociedade faz da natureza (CASTROGIOVANNI e GOULART, 1990). Em vista disso, é de fundamental importância que se oportunize aos pesquisadores dessa ciência, em especial aos estudantes de graduação, as observações de campo para a descrição e análise desses fenômenos, sejam eles humanos ou físicos.

A ida ao campo evidencia possíveis conexões com as teorias em estudo, tanto para pesquisadores iniciais quanto os mais experientes. É a partir do campo que construímos nossos dados concretos e teóricos da pesquisa. Entretanto, George (1978) divide os dados da pesquisa em Geografia em: dados estruturais e históricos. O primeiro seria a forma, a estrutura, a ordenação, combinação, ritmo, processos e especificidades. Já o segundo, a forma do passado a forma atual, analisando as variações e evoluções.

Após discutirmos a importância das ferramentas geográficas e sua aplicação, podemos explicitar as demais técnicas de pesquisa. As técnicas de pesquisa estão relacionadas à coleta de dados e segundo Andrade (1998, p. 115) são: “conjuntos de normas usadas especificamente em cada área das ciências, podendo-se afirmar que a técnica é a instrumentação específica da coleta de dados”. As técnicas podem ser organizadas em dois tipos de procedimentos: a documentação indireta e a documentação direta. Exploraremos algumas das técnicas de pesquisas mais aplicadas às ciências humanas.

Os **Procedimentos metodológicos** são todos os passos da pesquisa devem ser apresentados e explicados minuciosamente. Por exemplo: o levantamento bibliográfico que é o levantamento realizado por meio de referências bibliográficas que podem auxiliar na construção do trabalho conclusão de curso, dissertações e teses, mas composto também por obras que ainda não foram lidas. Este levantamento servirá de base para estudos, ou seja, é a lista de referências que devem ser buscadas.

As referencias também podem ser encontradas por meio de visitas em bibliotecas, pesquisa em periódicos, pesquisa em documentos, etc. Ainda na fase de documentação indireta podemos incluir a pesquisa documental (fontes primárias) realizada em arquivos públicos, documentos oficiais, jurídicos, mapas e fotos, arquivos particulares, fontes estatísticas e fontes não escritas.

A fase de levantamento de dados é considerada por Salazar (2010) como documentação indireta. As pesquisas bibliográficas e pesquisas da internet (fontes secundárias). Nelas estão inclusos a imprensa escrita, os meios audiovisuais, o material cartográfico, as publicações. Nesta etapa de levantamento de dados é importante realizarmos algumas atividades ordenadas como:

- O reconhecimento do assunto relacionado ao tema pesquisado;
- A localização de obras a serem utilizadas;
- A compilação ou sistematização do material bibliográfico, os fichamentos ou sínteses das obras lidas;

E ainda para construirmos os debates teóricos das pesquisas nos apoiamos também em no que se refere à fase de documentação direta. Nela incluímos as seguintes técnicas:

A pesquisa de campo e pesquisa de laboratório: a busca por dados ou informações no local do objeto (pesquisa *in lócus*). Depois desta etapa ela deve ser organizada por meio de recursos computadorizados como elaboração de gráficos, tabelas, quadros e mapas. Esta etapa é fundamental para relacionarmos fatos e a teoria ao objeto.

Durante a pesquisa de campo usamos uma técnica que se difere, a observação. A observação pode ser intensiva (ver, ouvir, examinar fatos). A fase da observação intensiva pode ser executada como observação participante (o pesquisador participa do processo e às vezes nem se identifica como pesquisador), observação não participante (o pesquisador limita-se a observação apenas), geralmente é sistemática (planejada e estruturada). Na fase de

observação podemos apresentar técnica assistemática (sem estrutura) e pode ser feita tanto em equipe quanto individual

A entrevista estruturada (com perguntas previamente planejadas, com roteiro e pode ser usado o gravador, as pessoas a serem entrevistadas também já estão previamente selecionadas), entrevista semi-estruturada (com perguntas planejadas e também sem planejamento) ou entrevista não estruturada (sem uma ordenação de perguntas previamente estabelecidas, perguntas abertas, denominada também por conversa informal, deve-se utilizar o gravador e permite explorar mais as questões a serem analisadas). (SALAZAR, 2010)

O uso do questionário (série de perguntas ordenadas, respondidas sem a presença do pesquisador). Geralmente o uso de questionário pode prejudicar os resultados da pesquisa, pois a maioria dos questionários não são devolvidos ou podem ser respondidos pela metade. Por isso as entrevistas são mais recomendadas.

Aplica-se também o formulário (na qual o próprio pesquisador preenche as lacunas, o pesquisador pode auxiliar em algumas dúvidas do entrevistado, reformula a pergunta, explica).

A participação em eventos (congressos, seminários, colóquios) também são técnicas, pois a partir destes debates acadêmicos é possível vislumbrar o que tem sido pesquisado atualmente referente à sua área de pesquisa, como as pessoas tem debatido a temática em estudo, por meio de quais perspectivas, categorias. A troca de informações entre pesquisadores da mesma área ajuda bastante, a troca de referencias, e-mails, sugestões de livros etc.

A história de vida tem sido bastante utilizada nas ciências humanas. É o registro das narrativas, das experiências, das falas na íntegra dos entrevistados. Ela pode ser dividida em três, conforme Freitas (2002):

-Tradição oral: comum entre as comunidades rurais, indígenas. É uma forma de manter a sabedoria dos povos mais tradicionais ou mais antigos.

-História de vida: autobiografias, reconstituição do passado feita pelo próprio indivíduo. Não há condução do pesquisador.

-História oral temática: realizada a um grupo de pessoas com um tema específico. Os depoimentos podem ser em número maior para análise e comparações.

Recomenda-se que o cada procedimento metodológico venha de encontro a cada um dos objetivos da pesquisa. Portanto, a cada procedimento adotado, a escolha deve ser

cuidadosa tendo em vista não só os objetivos gerais e específicos estipulados, mas principalmente o método ou os métodos relacionados à pesquisa.

### **Considerações finais**

*Ler é peregrinar por um sistema imposto.*

(CERTEAU)

Por muito tempo vivíamos em uma sociedade predominantemente oral. Por exemplo, os mitos, os contos e histórias por gregos, africanos, asiáticos e indígenas. A desigualdade cultural de acesso às informações sempre existiram, antes o conhecimento era restrito ao poder do Estado e da Igreja representado pelos monges, escribas e pela Aristocracia. No século XVIII com o Renascimento, no século das “Luzes” houve a necessidade de se repensar o acesso às informações, as políticas culturais e educacionais.

Durante a nossa formação universo escolar e acadêmico passamos por diferentes procedimentos pedagógicos. Aprendemos com os códigos e textos. Esses saberes do cotidiano e do mundo perpassam também além dos laboratórios técnicos, aprendemos na família, com os amigos, com os diferentes sujeitos. E a este saber denominado Saber Popular. Já na universidade passamos a lidar com o conhecimento científico, que possui formas, conceitos, análises, esquemas, interpretações e fórmulas.

Para ter domínio a este saber científico passamos a fazer leituras que se unem com a escrita. Os sujeitos em seus caminhos com a leitura e a escrita passam por processos individuais distintos na construção do saber e depois são cobrados de forma padronizada. Para construirmos textos acadêmicos temos que passar por experiências e treinos para que possamos executar com êxito a arte da escrita, da leitura. E na arte de fazer pesquisa.

O imperialismo das linguagens e os manipuladores do discurso elaboram falas com o intuito de si propagar verdades, sejam elas na universidade, na igreja, na escola e nos nossos próprios lares. Por isso também precisamos desenvolver a perspicácia para discernir as informações falsas das que nos conduzem a realidade.

Ler e pesquisar nos possibilita uma descoberta constante. O acesso à informação textual, torna se assim uma arma cultural, “uma reserva de caça”, um mecanismo para que não nos deixemos ser dominados pelas forças do poder, da burocracia, da normatividade, da repressão e da passividade. Quanto mais lemos, talvez menos entendemos, ou mais.

O discurso científico faz sentido a partir da forma que o modelamos, daquilo que damos mais importância na forma de expressarmos. A linguagem traduz muitas das coisas que queremos daquilo que queremos e sabemos que não podemos sozinhos mudar. Porém mesmo sem a linguagem não mudar por si só o mundo, ela contribui imensamente para repensá-lo.

Nós pesquisadores da geração contemporânea, temos nos tornado uma geração um tanto quanto superficial no que diz respeito a um volume denso de informações das mídias e relativamente pouca preocupação com a leitura pausada e demorada dos clássicos. Como nos ensina o professor Horieste Gomes (1998), muita informação e pouca reflexão. Precisamos mergulhar nas leituras dos clássicos e para a realização de pesquisas necessitamos de exigentes explorações, bem pontuadas metodologicamente. O que perpassa por etapas de rigorosas leituras que dão luz aos caminhos e nos conduzem a resultados compostos por um olhar geográfico conjunto. Essas estratégias, ou melhor, perspectivas são formas de tornar nossas pesquisas mais sólidas, sem tantas incertezas, confusões e generalizações. Por isso a importância do uso de metodologias bem construídas e coerentes em nossas pesquisas.

Além disso, as especializações geográficas atuais não podem ser motivos que justifiquem as discussões teórico-metodológicas empobrecidas sem harmonia e sem unidade de pensamentos filosóficos. E nem devem ser suportes para o fortalecimento de guetos acadêmicos em que diferentes grupos que se digladiam tentando convencer outros grupos, de quais possuem os pressupostos metodológicos mais sólidos ou não. Cada método apresenta determinadas características e o discípulo de uma corrente não necessita se digladiar com o de outra, visto que a Geografia é uma só, e sofre influência de vários métodos, é um pensamento em construção.

Deste modo, podemos concluir que o rigor teórico e metodológico realmente são as melhores armas de um pesquisador. A base teórica e técnica deve ser integrada, ou pelo menos “entrosada”. É o pensamento teórico que faz a leitura dos fenômenos e não o método por si só. E assim, vivemos em um misto entre o empirismo e o racionalismo, entre a fronteira metodológica e o ecletismo, esse misto faz parte do fazer ciência, cujo objetivo é explicar ou compreender algo.

## **Referencias**

- ANDRADE, M. *Introdução á metodologia do trabalho científico*. 3º edição. SP: atlas, 1998.
- CASTRO, João de. *As categorias da geografia*. (texto não publicado)
- CLAVAL, Paul. *Do olhar do geógrafo a geografia como estudo do olhar dos outros*. Conferencia do NEPEC. RJ, 2010.
- CLAVAL, Paul. *A “volta do cultural” na Geografia*. Mercator: Revista de Geografia da UFC. Ano 01, nº 01, p. 19-28. Fortaleza: CE, 2002.
- CERTEAU, Michel de. Ler uma operação de caça. *In: A invenção do cotidiano*. [trad.Ephraim Ferreira Alves]. RJ: Vozes, 2009.
- DESCARTES, René. *O discurso do método*. [trad. Paulo Neves]. Porto Alegre: LPM, 2013. 128 pgs.
- FONSECA, Márcio Alves da. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. 3º ed. SP: EDUC: 2011.
- GADOTTI, Moacir. A dialética: concepção e método. *In: concepção dialética de educação*. SP: Cortez, 1997.
- GEORGE, Pierre. *Os métodos da Geografia*. [Trad. Heloysa de Lima Dantas]. RJ: Difel, 1978. P. 7- 46.
- GOMES, Horieste. *Caminhos para re construção do homem*. Goiânia: Kelps, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre teoria e crítica em Geografia: a dialética concepção e método*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.
- GOMES, Paulo Cesar da C. O horizonte humanista. *In: geografia e modernidade*. RJ: Bertrand Brasil, 1996. P. 304-338.
- MORAES, Antonio Carlos.; COSTA, Wanderley Messias da. O ponto de partida: o método. *In: \_\_\_\_\_. Geografia crítica: a valorização do espaço*. SP: Hucitec, 1984. P. 26-34.
- \_\_\_\_\_. *Geografia pequena história crítica*. SP: Anablume, 2003.
- MOREIRA, Ruy. As formas da geografia e do geógrafo no tempo. *In: pensar e ser em Geografia*. SP: Contexto, 2007. p. 13-22.
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. SP: Pioneira Tomson, 2002.
- PAULO NETTO, José. *Introdução ao estudo do método em Marx*. SP: expressão popular, 2011.
- SALAZAR, Vera Lúcia. *Manual de metodologia científica*. UFU: Uberlândia, 2010.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. Hucitec, SP: 1996.

\_\_\_\_\_. *Espaço e método*. SP: USP, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª edição revisada e ampliada. SP: Cortez, 2000.

SPÓSITO, Eliseu Savério. *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. SP: Unesp, 2004.

SOUZA, José Carlos de; SOUZA, Lorena Francisco de. *Trabalho de campo integrado em Geografia: uma experiência no parque nacional chapada dos veadeiros, Goiás*. V. 06. Nº 04. Goiás: UFG, 2012. P. 237-256.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias. Acadêmica, da ciência e da pesquisa*. Pará: UFP, 2001.

VEYNE, Paul. *Foucault-seu pensamento, sua pessoa*. [trad. Marcelo Jacques de Moraes]. RJ: Civilização brasileira, 2011.